

## **ENTREVISTA - TRANSCRIÇÃO PROFESSOR NICIM ZAGURY**

Biblioteca Plínio Sussekind Rocha: Hoje é dia 30 de julho de 2018. Nós vamos entrevistar agora o professor emérito Nicim Zagury. Primeiramente gostaríamos de agradecer a oportunidade. Professor, qual é o seu nome completo?

Nicim Zagury: É Nicim Zagury.

BPSR: Data de nascimento?

NZ: 9 de março de 1934.

BPSR: A pesquisa está sendo dividida em etapas, professor. Vamos tratar agora da sua formação acadêmica. Em qual curso ou área do conhecimento o senhor se graduou?

NZ: Bacharelado em Física, na antiga Faculdade Nacional de Filosofia.

BPSR: Em que período?

NZ: Foi de 1954 a 1958.

BPSR: O que o motivou a ser professor de Física?

NZ: Uma das razões é porque eu sempre gostei de Química e bastante de Física atômica. Então eu ia fazer o vestibular para Química, mas durante o pré-vestibular eu me entusiasmei mais pela Física e vi que era realmente o que eu queria, então ingressei na Física.

BPSR: Quais dificuldades o senhor encontrou no seu curso de graduação, na época?

NZ: Eu não tive muitas dificuldades. Eu me saí relativamente bem (risos).

BPSR: E o senhor encontrou alguma facilidade?

NZ: Facilidade especial, não. O curso era bastante duro. É a única coisa que eu posso dizer: não era fácil.

BPSR: E as aulas eram apenas teóricas ou havia aulas práticas?

NZ: Havia aulas práticas, sim. Desde o primeiro ano eu tive aulas práticas. Até o quarto ano.

BPSR: E como eram as aulas?

NZ: Eram muitas vezes consideradas aulas extras, porque não estavam estabelecidas em um horário bem determinado, a não ser no primeiro e no segundo ano. No terceiro e quarto ano já havia cursos como, por exemplo, no quarto ano, o curso de eletrônica. No terceiro ano havia um curso que a gente fazia no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, na época.

BPSR: E existiam instrumentos científicos que vocês utilizavam nessas aulas práticas?

NZ: Eram os mesmos instrumentos científicos que se utilizam em laboratórios hoje. Alguns, mas muito poucos. Não era com a facilidade que se tem agora, por exemplo.

BPSR: Professor, agora nós vamos conversar um pouco sobre seu mestrado e seu doutorado. Onde o senhor fez o mestrado e o doutorado?

NZ: Eu fiz tanto o mestrado quanto o doutorado em uma universidade na Califórnia, em La Jolla.

BPSR: Existiam laboratórios lá? Existiam aulas práticas no mestrado e no doutorado?

NZ: Existiam laboratórios, mas não eram laboratórios obrigatórios. Então na época eu só fiz cursos teóricos. Na verdade os laboratórios já eram para o pessoal experimental: eles ingressavam na pesquisa diretamente. Já entravam no laboratório de pesquisa diretamente.

BPSR: O senhor encontrou alguma dificuldade no mestrado e no doutorado?

NZ: Era bastante difícil.

BPSR: E quais os pontos altos que o senhor salientaria sobre o seu mestrado e o seu doutorado, sobre a sua pesquisa no seu mestrado e no doutorado?

NZ: Olha, eu fiz o mestrado no lugar que eu fiz a tese de doutorado. Eu fui lá fazer o doutoramento. O mestrado, digamos, era dado logo depois do exame de qualificação. Uma vez que você tivesse feito o exame de qualificação para o doutorado, automaticamente você tinha o título de mestrado. Então era simplesmente um coadjuvante.

BPSR: Entendi. Professor, suas pesquisas do mestrado e do doutorado estão relacionadas por área do conhecimento?

NZ: Sim. Na época eu trabalhava na área de partículas elementares.

BPSR: E tinha uma linha de pesquisa?

NZ: Essa era a linha, a de partículas elementares. Quer dizer, eu fiz uma tese bem determinada sobre um tipo de trabalho, mas dentro dessa linha de pesquisa.

BPSR: E gerou artigos científicos?

NZ: Gerou.

BPSR: E o senhor apresentou em eventos?

NZ: Apresentei.

BPSR: O senhor pode mencionar algum de grande relevância?

NZ: Sobre esse trabalho da minha tese eu apresentei na Sociedade Americana de Física e depois na Universidade de Harvard.

BPSR: Professor, quando o senhor fez seu mestrado e doutorado havia bolsas de estudo?

NZ: Havia. Havia bolsas de estudo tanto do CNPq – na época essas bolsas eram relativamente exíguas, se não me engano eram 220 dólares para solteiro e 375 dólares para casado. Isso era a bolsa teto. E havia bolsas também no exterior.

BPSR: O que seria uma bolsa teto?

NZ: Bolsa teto é o seguinte: por exemplo, no meu caso eu tinha uma bolsa, porque ganhei uma bolsa da Universidade de Califórnia, de 200 dólares. Então em vez de eu

receber 375 (já que eu era casado na época) eu recebia 175 do CNPq. Quer dizer, o total era de 375 dólares.

BPSR: Professor, agora nós vamos conversar um pouquinho sobre a sua trajetória profissional. Como a sua trajetória profissional trouxe o senhor ao IF?

NZ: Na verdade, depois que eu me formei no bacharelado (na época não havia curso de doutoramento no Brasil), eu passei três anos trabalhando no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas como professor assistente. Mas em 1961 eu fui também nomeado, naquela época, professor auxiliar – sem vencimentos – da Universidade do Brasil. O que era uma grande honra, na época: ser professor da Universidade do Brasil. Mesmo que não ganhasse nada (risos). Então desde 1961 eu fui ligado ao Instituto de Física. E em 1962 eu passei para professor assistente do Instituto de Física da antiga Universidade do Brasil. No começo de 1962. Mas em agosto de 1962, com licença da universidade, eu fui fazer o meu doutoramento nos Estados Unidos, que começou em setembro de 1962. De setembro de 1962 a dezembro de 1965 eu fiz meu doutoramento. Depois, no final de 1965 eu terminei o doutoramento, em dezembro. Em 1966 eu passei cerca de um ano e meio na Universidade de Harvard, fazendo um pós-doutoramento. E em fevereiro, eu acho, eu voltei para o Brasil, justamente porque me estavam cobrando o retorno aqui na Universidade. Eu retornei, mas naquela época não tinha esse esquema de professor em tempo integral. Na verdade eu trabalhava no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e dava algumas aulas no curso aqui no Fundão. Eu permaneci assim até agosto de 1967, quando fui para a PUC. Porque o CBPF naquela época pagava um valor muito inferior ao que a gente necessitava para sobreviver. Tanto que quando eu fui para a PUC eu passei a receber três vezes mais do que eu ganhava no CBPF (risos). E aí eu pedi licença, na época, da Universidade, porque eu tinha que me dedicar 100% à PUC. E fiquei lá na PUC de 1967 a 1994. Eu fiquei por lá. Depois abriu um concurso aqui de professor titular, então na época eu fiz o concurso com vários professores da PUC que vieram para cá naquela época.

BPSR: Professor, o senhor, junto com o professor Luiz Davidovich, colaborou com a pesquisa que deu prêmio Nobel a Serge Haroche. Que importância essa participação trouxe para suas pesquisas e para a Física brasileira?

NZ: Bom, eu acho que a minha participação – e a do Luiz, naturalmente – foi importante, digamos, na minha formação. A gente teve uma colaboração muito grande com o pessoal da École Normale. A gente ia todo ano praticamente à França, ficava um ou dois meses, e teve épocas em que ficamos por anos. Não eu e o Luiz simultaneamente, mas separadamente. A gente colaborava muito com o grupo lá na École Normale, então foi muito importante para a nossa formação. Eu acho que foi muito importante também para a área em que a gente trabalhava aqui no Brasil,

porque essa colaboração que a gente tinha com a França se estendeu para vários grupos de pesquisa no Brasil. Então isso teve uma influência muito grande nessa área de óptica quântica em que a gente trabalha. Muitas colaborações se formaram, não só com o Serge, mas com pessoas que a gente conheceu lá e com laboratórios mais afins com o que as pessoas estavam fazendo – a gente tinha mais afinidade com o grupo do Serge. E isso também serviu muito de modelo para a criação do grupo experimental quando a gente veio para cá, porque era um modelo muito ligado à parte de Física teórica e uma parte de Física experimental associada ao que a gente estava fazendo.

BPSR: Professor, em nosso levantamento percebemos que houve outros professores que também atuaram na PUC-Rio. É apenas uma coincidência ou havia alguma parceria entre a PUC e o Departamento de Física da UFRJ?

NZ: O que aconteceu foi que, durante a época em que a gente estava na PUC, havia um financiamento que a gente conseguia primeiro através da Finep, depois do Ministério de Ciência e Tecnologia. Era um financiamento que pagava não só os nossos salários. O salário era pago pela PUC, mas vinha através do Ministério. O que aconteceu naquela época foi que esses financiamentos começaram a ficar rarefeitos e a diminuir cada vez mais. Então era difícil a gente manter o nível de pesquisa que se estava fazendo, poder contratar mais gente. E também houve dificuldades com a administração, com a política da administração; porque a administração da PUC tinha que ter dinheiro para pagar a gente. Então era difícil satisfazer as duas partes e a política deles era manter a Universidade bem, do jeito que eles achavam que tinha que ser. Então a gente procurou outros caminhos. Na época havia certas aberturas para a gente ir para outras universidades, mas aqui havia um reitor, professor Maculan, que eu acho que teve uma certa visão de que era importante trazer esse grupo da PUC aqui para o Brasil e abriu várias vagas para que a gente pudesse fazer concurso e eventualmente ser contratado. E na verdade vários professores foram contratados na época. Na minha opinião, isso foi muito importante para o Instituto de Física. Acho que é uma coisa que você deveria perguntar a pessoas que não vieram da PUC. Kodama e outros, que não vieram de lá. Eles podem avaliar, mais imparcialmente, o efeito que isso teve sobre o Instituto.

BPSR: O senhor estudou ou trabalhou com algum desses professores fundadores do IF: César Lattes, José Leite Lopes, Plínio Sussekind Rocha, Jayme Tiomno?

NZ: Eu trabalhei com o César Lattes; fiz uma iniciação científica durante um ano, enquanto eu era estudante de graduação. Não havia cursos de pós-graduação na época, quando eu fui trabalhar no CBPF. O Leite foi professor de algumas matérias importantes e eu trabalhei com ele durante certo tempo, mas não publicamos nada. O

Tiomno também foi muito importante na minha formação. O Leite também, e o Tiomno principalmente. E nós fizemos um trabalho, na época. Em 1962, eu acho, ou 1961, que teve até certa repercussão.

BPSR: O senhor se recorda que trabalho era esse que vocês fizeram juntos?

NZ: Sei, sim. É um trabalho em que a gente fez a proposta da existência de uma nova partícula, que nós chamamos de [K'I], que foi realmente vista experimentalmente.

BPSR: E o professor Plínio?

NZ: O professor Plínio foi outro que teve uma tremenda influência, não só na minha carreira, mas para vários outros alunos. Ele não era, assim, uma pessoa que gostava de publicar trabalhos.

BPSR: Tem pouquíssimos trabalhos.

NZ: Mas ele era, digamos, um catedrático, na acepção antiga da palavra. Um indivíduo que tinha uma cultura muito vasta. E ele dava um curso de mecânica analítica, que era um curso que era muito bem dado. E havia um material que a gente trabalhou com ele para ajudar a fazer algumas apostilas (na época era difícil publicar um livro). Era uma pessoa que tinha muita dedicação. Inclusive nós fazíamos seminários com ele no sábado à tarde (risos), a Universidade completamente fechada. A gente ia para lá e fazia seminários sobre relatividade e outros assuntos que interessavam.

BPSR: E o senhor se recorda das aulas desses professores? Alguma coisa que o senhor gostaria de ressaltar? Eram aulas empolgantes, diferenciadas?

NZ: Do meu ponto de vista todos eles eram ótimos professores. O Tiomno era um ótimo professor, a gente aprendeu muita coisa com ele. O Leite era um professor que falava muito bem, um entusiasta, dava aquele entusiasmo para a gente. O Plínio passava para a gente o sentido da importância da erudição. E sempre mostrando conexão do curso que ele estava dando, que era um curso de mecânica, uma coisa bastante real, com filosofia. Fazia a gente ler livros como Poincaré e outros livros que têm a ver com essa época em que a mecânica foi desenvolvida, século XIX.

BPSR: Professor, consta nos arquivos do Instituto de Física que o professor Joaquim da Costa Ribeiro foi docente na antiga Faculdade Nacional de Filosofia e também um dos fundadores do Instituto. O senhor teve aulas com ele?

NZ: Tive. Ele era catedrático de Física geral e experimental. Naquela época, havia os catedráticos e havia os assistentes dos catedráticos. Ele não dava um curso contínuo. Quem dava aula era um dos seus assistentes. Mas ele dava umas aulas extras em que fazia demonstrações de laboratório, que eram muito importantes.

BPSR: E parece ter sido um dos poucos que trabalhavam mais a questão prática da Física, naquela época.

NZ: Ele era experimental. Mas havia outros professores que trabalhavam. Por exemplo, a professora Elisa Frota Pessoa, que dava o curso de Física geral para mim, na época em que eu cheguei a dar o curso de Física geral, no primeiro e no segundo ano. Ela era professora desse curso, mas era também professora assistente no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, que tinha um mandato universitário na época. Então na verdade naquela época muitos professores do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas davam aula na Universidade. A maior parte sem ganhar nada. Ou ganhando uma parte mínima, como um professor horista hoje. Ela era uma Física Experimental. Na verdade, eu comecei a minha ligação com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas na época por influência da Elisa e do Tiomno, porque eles trabalhavam lá. O Tiomno e o Leite trabalhavam no CBPF. O Lattes também. Foram professores, todos, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Na verdade, as pessoas que faziam pesquisa em Física não tinham muita condição de fazer dentro da faculdade, na Universidade do Brasil. O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas era onde se fazia realmente a pesquisa em Física.

BPSR: O senhor se lembra de algo que tenha marcado a transição da antiga Faculdade Nacional de Filosofia para o Instituto de Física?

NZ: Nessa época eu estava nos Estados Unidos. Na época em que começou a haver a transição para cá. Quando eu voltei, em 1967, eu dei aula aqui, como eu falei para você. Eu ainda era assistente, dei aula durante dois anos, como horista. Outros professores na época também eram horistas. Só alguns poucos, como talvez o diretor, que não eram. A gente pegava uma kombi ali no Largo de São Francisco, se não me engano, numa hora bem determinada, vinha aqui, dava aula. Vários professores entravam naquela kombi. Depois a gente saía mais tarde e voltava. Não tinha sala nem nada. Tinha uma sala grande, talvez uma destas salas aqui, onde tinha a mesa e os professores ficavam ali.

BPSR: Estrutura bem precária?

NZ: Não era um escritório para você chegar, sentar e trabalhar. Era um escritório para você colocar a sua pasta lá, esperar um pouquinho, para você dar a sua aula.

BPSR: Professor, vamos conversar um pouquinho sobre a sua vivência no período da ditadura, como professor.

NZ: Certo.

BPSR: No período da ditadura o senhor presenciou algum professor ser afastado ou coagido?

NZ: Professor daqui? Eu estava na PUC, na época. Quer dizer, justamente em 1967 eu fui para a PUC. Mas eu estava aqui como professor horista na época e muitos professores foram afastados no AI-5: o Leite, o Tiomno, a Elisa.

BPSR: O próprio Plínio.

NZ: É. O Plínio, a Sarah de Castro Barbosa. Isso foi no AI-5. Mas antes disso, já em 1960 e poucos, já havia certa abertura de inquéritos e gente sendo acusada aqui e ali. Mas sem esse afastamento formal – aposentadoria compulsória.

BPSR: E houve mudança no ensino de alguma disciplina? Durante a ditadura, houve alguma restrição, algum controle da forma de ministrar alguma aula, do conteúdo das aulas?

NZ: Aqui, na verdade, eu não tive nenhuma restrição na época. Diretamente, quanto à forma de dar aula, não. Eu tive alguma restrição no CBPF, mas foi logo quando eu voltei. Como eu estava muito entusiasmado de ter terminado o doutoramento, de fazer alguma coisa pelo país, me propus a dar um curso de pós-graduação. Isso é até uma coisa engraçada. Aí nada de começar o curso de pós-graduação. Então eu fui reclamar com o presidente do CBPF, que era, àquela época, um almirante, almirante Otacílio Cunha. Eu fui reclamar com ele: “eu queria começar o curso, os alunos estão interessados” e tudo mais. Ele respondeu: “você só pode começar o curso depois que o livro sobre a pós-graduação estiver pronto, com programa bonitinho” etc. Ou seja, só pode começar o curso após a burocracia estar [funcionando]. Quer dizer, não houve restrição sobre o tipo de curso que eu ia dar ou não, só à vontade. Aquilo poderia ter acontecido em qualquer lugar, com ou sem ditadura. Sempre tem uns burocratas.

BPSR: Professor, o IF é considerado o terceiro melhor Instituto de Física do Brasil, só perdendo para a Unicamp e a USP. A que ou a quem o senhor atribui essa excelente colocação?

NZ: Eu acho que não é exatamente ‘a quem’, existem vários grupos aqui que são excelentes na pesquisa. Vários grupos. Claro que qualquer grupo tem pessoas que se destacam mais do que outras. Mas até isso são fases, às vezes.

BPSR: O coletivo geral dos professores é muito bom?

NZ: É. Eu acho que sim. A maioria do pessoal aqui é bastante representativo.

BPSR: Professor, por fim o senhor quer externar algum comentário para ficar registrado sobre a história e memória do Instituto de Física e da importância que o senhor teve e tem para a pesquisa e a Física no Brasil?

NZ: Eu não vou falar sobre a minha importância, não (risos).

BPSR: Que importância o Instituto tem na sua vida?

NZ: Veja só, quando esse grupo da PUC veio para cá a gente ficou até temeroso porque era um grupo relativamente grande que entrou. A maior parte das pessoas que vieram entraram na posição de professor titular, que é uma posição de destaque e também de participação maior na congregação. É a maior parte dos professores da congregação. Quer dizer, todo professor titular em princípio é membro da

congregação. E a gente ficou com medo: a gente vai criar um impacto aqui. Mas isso não aconteceu, pelo contrário. A gente foi muito bem recebido, muito bem integrado. A integração foi muito rápida e eu acho que houve certa importância desse grupo, eu acho que teve uma influência grande na diretriz que move o Instituto de Física hoje. Houve pessoas aqui que foram muito importantes na formação do Instituto que já estavam aqui quando a gente veio, é claro.

BPSR: E tem algum professor cuja importância o senhor gostaria de ressaltar, ou algum orientador do senhor ou algum outro professor aqui do próprio Instituto mesmo, que seja alguém de relevância no cenário da Física, que o senhor utilizou como referência nos seus estudos ou na sua formação como professor?

NZ: Eu não gostaria de citar os professores atuais daqui, apesar de os professores daqui serem importantes. Certamente esses professores que você mesmo já falou.

BPSR: Plínio, José Leite Lopes...?

NZ: Plínio, Leite, Tiomno, Elisa Frota Pessoa foram muito importantes na formação da Física. Fernando Souza Barros, Eugênio Lerner... Foram muito importantes aqui na formação do Instituto e da Física no país em geral.

BPSR: Ótimo. Terminamos a nossa entrevista com o professor emérito Nicim Zagury. Agradecemos pela sua participação nesse projeto de tentar construir a memória do Instituto de Física. Obrigado.